

EPISTEMOLOGIA DA LINGÜÍSTICA: PROBLEMAS E MÉTODOS

Organizadores:

Maria Victoria Rébora (FFLCH/USP)
Oswaldo Pessoa Jr. (UFBa)

Baseado em palestras e discussões no
Encontro de Lingüistas
realizado no Instituto de Estudos Avançados
da Universidade de São Paulo
em 15 de agosto de 2000.

Palestrantes:

Esmeralda Vailati Negrão (FFLCH/USP)
Fábio Luiz Lopes da Silva (UFSC)
José Borges Neto (UFPr)
Kanavillil Rajagopalan (Unicamp)
Maria Victoria Rébora (FFLCH/USP)
Roberta Pires de Oliveira (UFSC)
Rodolfo Ilari (Unicamp)

orientando que colocava toda referência bibliográfica na nota de rodapé. Eu disse a ele que isso era desnecessário porque ele já tinha uma bibliografia. Aí ele me perguntou: “para que serve a nota de rodapé?” “Ah, ah!”, respondi, “agora você está entrando na coisa!” Nota de rodapé tem uma serventia fantástica. Tudo o que ameaça a sua tese você coloca no rodapé, escrevendo: “poder-se-ia dizer também que tal coisa...” Daí se algum membro da banca perguntar: “Você não pensou nisso?”, você responde: “Professor, na verdade eu pensei, tanto é assim que considere isto na nota de rodapé nº 8!” Você acaba escapando pela tangente!

Maria Victoria Rébora:

Bom, acho que ninguém mais tem perguntas. Gostaria de agradecer a todos os participantes, à mesa, e convidá-los agora a ouvir o encerramento pelo prof. Osvaldo.

Osvaldo Pessoa Jr. (UFBA):

Antes de mais nada, eu queria dizer que, apesar de eu ser co-organizador desse evento, na verdade o mérito dele inteirinho cabe à Victória, que concebeu esse tipo de encontro. Eu espero que esse pequeno simpósio seja o início de uma tradição dentro da Lingüística brasileira de encontros de Epistemologia da Lingüística.

Eu sou um turista aqui. Praticamente a única coisa que eu sei sobre Lingüística é falar, falar português! Mas estou contente de estar aqui, muito orgulhoso de ter sido convidado. Sou um filósofo da ciência e assim, qualquer que seja a ciência, quaisquer que sejam as discussões epistemológicas a respeito da ciência, eu me interesso. Esta atitude é parecida com o trabalho de um lingüista que estuda a estrutura de diferentes línguas sem conhecê-las.

Vou começar fazendo um apanhado do que aconteceu hoje. Acho que a gente pode pensar na relação entre a Epistemologia e a Lingüística de três maneiras, constituindo três sub-áreas da Epistemologia da Lingüística. A primeira área surge da ligação forte que existe entre a Lingüística e a Filosofia. Quando você pensa sobre a linguagem você praticamente já está filosofando. Podemos aqui usar o rótulo de Filosofia da Linguagem. Acho que das palestras de hoje poderíamos encaixar nesta linha o Fábio e talvez o Rajan

Uma segunda categoria seria a História da Lingüística e as teorias de mudança científica (Kuhn, Feyerabend, Lakatos etc.) aplicadas à Lingüística. Estou aqui pensando na Victoria e nas discussões do Borges e da Roberta. Esta seria uma segunda sub-área da Epistemologia da Lingüística.

A terceira área envolveria os problemas internos à Lingüística, problemas de metodologia, relativos à experimentação, aos detalhes da construção de teorias. Nesta categoria poderíamos classificar as falas da Esmeralda e do Ilari. Normalmente essa terceira categoria é a que é mais difícil de entender para quem não é lingüista. As outras duas categorias são um pouco mais atraentes para quem é de fora.

Se os estudantes que estão aqui ou que lerem a transcrição se sentiram atraídos por essa área, então acho que um dos objetivos do evento foi alcançado. Em muitas áreas da Ciência, os estudantes são desestimulados a filosofarem sobre a área, talvez para não dispersarem sua concentração no trabalho de tese, ou porque os resultados de uma pesquisa epistemológica nunca se enquadram no que se espera de uma investigação “científica”.

Gostaria de salientar, porém, que um aluno de Linguística pode muito bem estudar a Epistemologia de sua área como uma atividade paralela, e isto melhora a compreensão do que se está fazendo e facilita a comunicação com as outras áreas do conhecimento.

Na verdade, apenas alguém que conheça bem uma área científica pode se aprofundar na Epistemologia daquela área. Esta é talvez a razão principal pela qual os filósofos da ciência lotados em Departamentos de Filosofia em geral não se dedicam a uma ciência específica, mas se concentram na discussão dos textos de “grandes autores”, os mais recentes dos quais são Larry Laudan e Bas van Fraassen. Mas há também uma outra razão para o desprezo dos filósofos brasileiros pela estudo das ciências específicas. No Brasil, temos uma forte tradição em História da Filosofia, mas pouca incentivo à Filosofia aplicada. É verdade que temos tradição em Filosofia do Direito e Filosofia Política, talvez em Filosofia da Arte, mas por exemplo uma área importante em outros países como a Filosofia Moral é conduzida entre nós principalmente por não-filósofos e teólogos. Quanto à Filosofia da Ciência, existe uma forte resistência a ela em alguns centros, mas, onde ela é bem aceita, o que temos são estudos sobre autores que tratam de temas gerais, raramente pesquisa voltada aos problemas epistemológicos de uma área específica. Se a tradição fosse diferente, talvez houvesse uma interação maior entre filósofos e cientistas, talvez houvesse um incentivo para que alunos estudassem os aspectos epistemológicos de uma ciência. Mas do jeito que está, não há nem maneira de pedir uma bolsa para um aluno desta área, pois o Comitê da área de Filosofia do CNPq iria considerar o trabalho como pertinente à área da ciência específica, e o Comitê da área iria considerar o trabalho como sendo da alçada da Filosofia!

A Filosofia da Ciência brasileira é um área pequena, bem mais fraca institucionalmente do que duas de suas áreas irmãs, a Lógica e a História da Ciência. Deve haver uns vinte pesquisadores lotados em departamentos de Filosofia que se classificariam como filósofos da ciência. No entanto, ao fazer incursões em algumas áreas específicas, como estou fazendo hoje, observei algo que me surpreendeu. Existem diversos grupos de estudos dentro de áreas específicas da ciência e da tecnologia (como a Psicologia, as Geociências e a Saúde Coletiva) que se dedicam à questões epistemológicas ou históricas de suas áreas, muitas vezes ligadas a questões de Ensino. No entanto, tais grupos vivem ilhados, isolados de outros grupos de epistemologia ou dos filósofos profissionais.

Não sei se valeria a pena reunir estes grupos em um grande evento, acho que daria muito trabalho. Mas observei um elo em comum entre estes grupos, que permitiria um diálogo. A maioria destes grupos tem familiaridade com as teorias de mudança científica de Kuhn, Lakatos e Feyerabend, e também com a filosofia de Popper. Esses quatro são muito conhecidos, pelo menos num nível introdutório, e são bastante usados para estudar a história das teorias de diferentes áreas específicas.

É curioso que estes grandes marcos da Filosofia da Ciência tenham aparecido nos anos 60, e de lá para cá pouca coisa nova tenha chamado atenção do pessoal de fora da área. Por que isso aconteceu? Quer dizer, na década de 60 aquilo era uma coisa tão emocionante, na década de 70 também, mas aos poucos a coisa foi diminuindo, ninguém mais parece ter produzido algo de impacto nessa área. O que aconteceu na verdade com os filósofos da ciência, especialmente do mundo de língua inglesa, mas também no continente europeu, é que eles se voltaram para a sua área específica, os filósofos da física foram olhar para a Física, os da biologia para a Biologia etc. Os sociólogos da ciência entraram na jogada, puxaram a discussão para o lado mais “relativista”, e aí aconteceu alguma coisa que não está muito bem explicada ainda.

Eu tenho uma opinião sobre o que está acontecendo. Acredito que nos próximos dez ou vinte anos a tendência será de a coisa voltar a ter o nível de emoção que tinha há trinta anos atrás. Acredito que o uso da computação para armazenar informações históricas permitirá que se testem de maneira mais satisfatória as diferentes teorias de mudança científica. Aí poderemos dizer “não, a teoria de Lakatos é melhor neste aspecto do que a do Kuhn, mas se fizermos esta modificação, etc...” Acredito que aos poucos esta área da filosofia da ciência vá se transformar numa “ciência da ciência”.

Vou agora lançar algumas questões epistemológicas relativas à Linguística, sem pretender dar uma resposta a elas, mas talvez para estimular a reflexão especialmente dos alunos. São questões que não têm respostas simples, mas, afinal, o que caracteriza a Filosofia é justamente nunca ter uma resposta definitiva para nada.

Enquanto filósofo da ciência, quando olho para a Linguística, a primeira pergunta que vem é: “a Linguística é uma ciência?” Mas antes de considerar esta questão, há outras mais simples a serem consideradas. Em primeiro lugar, a Linguística busca *verdades*? Sim, busca verdades. Então, já é diferente da Arte, por exemplo, porque esta parece não buscar verdades (no sentido de “verdade por correspondência”).

A Linguística busca verdades, então ela é uma forma de *conhecimento*. Conhecimento é algo mais geral do que “ciência”. Eu conheço as plantas do jardim de minha casa, mas não sou um botânico. Para que um enunciado cognitivo seja considerado “científico”, é preciso que sua verificação não seja óbvia, mas envolva algum *método* que convença as outras pessoas da veracidade do enunciado. A História é sem dúvida uma forma de conhecimento, mas ela é uma Ciência? Bem, ela envolve métodos para aquisição de conhecimento, mas se ela não fizer generalizações, ela tende a não ser considerada uma ciência.

Um caso mais simples talvez seja a Psicanálise. Freud sonhava com uma psicanálise científica, mas hoje em dia este sonho é rechaçado pela maioria dos psicanalistas. Mas a Psicanálise almeja a verdade por correspondência? Alguns acham que não, que ela são apenas mitos que ajudam na cura do paciente. Outros dizem que ela é uma verdade que se refere à subjetividade de cada indivíduo, e que portanto suas teses não podem ser comprovadas de maneira objetiva, intersubjetiva, científica.

E a Linguística? As verdades da Linguística se referem a uma realidade objetiva, a que muitos têm acesso, ou a uma realidade subjetiva, privada? Bem, como a Linguística se refere à estrutura das línguas, algo que existe mesmo que não houvesse linguistas, então eu concluiria que sim, suas verdades se referem a uma realidade objetiva. O José Borges está ali mexendo a cabeça, insatisfeito, mas eu já conversei com ele antes e eu sei que ele no fundo concorda com isso! O que ele vai nos lembrar, porém, é que na hora em que a gente começa a falar sobre a realidade e começa a usar termos para descrever suas diferentes partes, já estaremos fazendo uma divisão subjetiva do mundo. Mas isto não contradiz o fato de que existe uma coisa no mundo, que chamamos linguagem, que existe independentemente dos linguistas.

A Linguística é uma ciência? Bem, eu fiz essa pergunta para algumas pessoas hoje e o consenso é que *sim*, ela é em parte uma ciência. Ela faz enunciados gerais sobre línguas, ela possui métodos bem aceitos de investigação e verificação de enunciados. No entanto, algumas horas, durante algumas atividades, fica uma dúvida se ela é de fato uma ciência. Eu não sei qual é a resposta, mas eu gostaria que vocês pensassem sobre isso, e talvez um dia me dissessem qual é a resposta. Que tipo de ciência é a Linguística? É uma ciência natural, como a Química, uma ciência humana como a Sociologia, ou uma ciência histórica como a História das Civilizações? Qual a relação da Linguística com as outras

áreas do saber? Ela é uma ciência autônoma? Em que ponto termina a ciência e começa a técnica? Em que medida as teorias lingüísticas dependem das teorias das outras ciências? Por exemplo, os avanços da Neurociência vão ser relevantes para a Lingüística, ou seja, um lingüista deve se preocupar com o que está acontecendo na área de Neurociência (ver artigo da Roberta) ou ele pode ignorar? Então essa é mais uma decisão que o jovem lingüista tem que tomar.

No dia de hoje, diversas questões interessantes foram levantadas. Qual é a relação entre teorias lingüísticas rivais? Um programa de pesquisa suplantará a outro, ou haverá uma síntese? Elas são incomensuráveis, como o Borges defende? Supondo que sejam, qual a conseqüência disso? Isso impede um diálogo? Não, afirmou-se que não. Isso implica uma intraduzibilidade?

Olhando para o debate entre Roberta e Borges, foi inevitável para mim formular a questão “auto-referencial”: as visões dos dois são elas próprias incomensuráveis? Suponho que sim. O que vimos então foram dois pesquisadores que em parte compartilham uma visão de mundo, e em parte vivem em mundos conceituais distintos. Eles dialogam, cada qual é estimulado pelo outro, às vezes há concordância, mas creio que eles nunca irão aceitar as teses epistemológicas centrais do outro. Isso é ruim? Para nós, seus ouvintes, certamente não: eles nos fornecem todos os elementos que precisamos para uma tomada de decisão. Finalizando assim esta metáfora, concluo que a incomensurabilidade pode dificultar o diálogo entre diferentes teorias, mas ela não é ruim para o avanço da Ciência como um todo (salvo quando um programa de pesquisa nascente e promissor é incompreendido e destruído).

Uma outra questão levantada aqui foi a do papel dos aspectos não objetivos da Ciência? Qual o papel da ideologia, dos modismos, dos estilos, das traços psicológicos na Ciência Lingüística?

Bem, para finalizar, gostaria de lançar uma questão para vocês, uma questão que tem a ver com a pesquisa que realizei aqui no IEA no ano passado. A questão é a seguinte: *o que teria acontecido com a história da Lingüística se Chomsky não tivesse se tornado um lingüista?* Ora, seria bem possível que isto tivesse acontecido, ele poderia ter se tornado um cientista político, ou algum acidente poderia ter impedido que se tornasse um lingüista. Nesta possibilidade “contrafactual”, será que a Teoria Gerativa teria sido criada por outro autor? A resposta a esta pergunta está relacionada com a cientificidade da Teoria Gerativa. Será que outro autor teria chegado às mesmas idéias que Chomsky, ou diferentes autores poderiam chegar a diferentes partes da teoria, para que ela fosse finalmente montada? Em que época: muito tempo depois ou pouco tempo depois? Quais influências recebeu Chomsky (quais “avanços” foram condição necessária para a criação de sua teoria)?